

Fadiga em Adultos sem Doença Crônica

Natália Fialho Mota¹, Diná de Almeida Lopes Monteiro da Cruz²

¹ Aluna de Graduação EEUSP (Bolsista FAPESP); ² Profª Drª EEUSP

1. INTRODUÇÃO

A fadiga é descrita como uma sensação opressiva, sustentada de exaustão e de capacidade diminuída para realizar trabalho físico e mental no nível habitual¹. Estudos que caracterizem a fadiga na população geral são importantes para saber até que ponto a fadiga pode ser considerada “normal”, pois, como já constatado², a fadiga ocorre em toda a população, mesmo nos indivíduos jovens e que não possuem nenhum tipo de doença. Então, para poder caracterizar a fadiga nos indivíduos com alguma doença crônica, é necessário ter o parâmetro de suas características em pessoas saudáveis.

2. OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi descrever a fadiga em voluntários saudáveis e verificar associação entre fadiga ou fadiga ao esforço e sexo, idade, depressão, atividade física e tabagismo.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Foram estudados 93 acompanhantes de pacientes de ambulatório de serviço especializado em cardiologia que afirmaram não ter nenhum tipo de doença. A fadiga foi avaliada de acordo com as escalas *Dutch Fatigue Scale* - DUFS e *Dutch Exertion Fatigue Scale* – DEFS; a depressão foi avaliada pelo inventário de Beck, a atividade física pelo IPAq e dados de tabagismo foram obtidos por entrevista. Os dados foram analisados descritivamente e por testes de associação (Mann-Whitney) e correlação (Spearman) não paramétricos.

4. RESULTADOS

Dos 93 voluntários, 65,6% eram mulheres, tinham idade média de 33,4±10,1 anos, escolaridade média de 10,8±3,5 anos, 69,9% conviviam maritalmente e 64,5%

estavam empregados. O escore médio de fadiga foi 16,3±6,6 (escala de 8 a 40) e de fadiga ao esforço foi 12,6±4,4 (escala de 9 a 45). A fadiga foi mais intensa nas mulheres ($Z=-2,78$; $p=0,005$); correlacionou-se positivamente com escores de depressão ($r_s = 0,47$; $p=0,000$). A fadiga ao esforço correlacionou-se positivamente com depressão ($r_s = 0,39$; $p=0,000$). Considerando-se pontos de corte estabelecidos em outro estudo³, 52,7% dos participantes tinham fadiga substancial e 34,4% fadiga substancial ao esforço.

4. CONCLUSÃO

As características da fadiga e da fadiga ao esforço em amostra de voluntários sem doenças são semelhantes às de pacientes com doença crônica. Esses resultados indicam que a interpretação de dados sobre a fadiga em doenças crônicas precisa ser cautelosa, embora sejam necessários estudos sobre a fadiga em população geral. O principal limite deste estudo é a amostra não representar a população geral.

Referências

1. Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação 2001-2002. Porto Alegre (RS) : ARTMED; 2002.
2. Watt T, Groenvold M, Bjorner JB, Noerholm V, Rasmussen N-A, Bech P. Fatigue in the Danish general population. Influence of sociodemographic factors and disease. J Epidemiol Community Health 2000;54:827– 33.
3. Fini A. Características da fadiga de pacientes com insuficiência cardíaca [dissertação]. São Paulo. Universidade de São Paulo – Escola de Enfermagem; 2008.